PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NO LITORAL DA GRANDE VITORIA/ES NO ANO DE 2014

PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NO LITORAL DA GRANDE VITORIA/ES NO ANO DE 2014

Prof. Dr. Edson Castardeli

PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NO LITORAL DA GRANDE VITORIA/ES NO ANO DE 2014

Vitória
Edição do Autor
2020

PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NO LITORAL DA GRANDE VITORIA/ES NO ANO DE 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

DEPARTAMENTO DE DESPORTOS
(Lotação do Autor)

EDITORAÇÃO
Edson Castardeli

Capa e Ilustração
Edson Castardeli

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Castardeli, Edson, 1962-
C346p Perfil do praticante de surfe no litoral da Grande Vitória/ES no ano de 2014 [recurso eletrônico] / Edson Castardeli. - Dados eletrônicos. - Vitória, ES : Ed. do Autor, 2020.
49 p. : il.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-00-04792-9
Modo de acesso:
<http://www.cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/perfil_do_praticante_de_surfe_no_ano_de_2014_no_litoral_da_grande_vitoria_es.pdf>

1. Surfe. I. Título.

CDU: 797

Elaborado por Adriana Traspadini – CRB-6 ES-000827/O

PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NO LITORAL DA GRANDE VITORIA/ES NO ANO DE 2014

SUMÁRIO

RESUMO	5
INTRODUÇÃO	9
MATERIAL E MÉTODOS	14
RESULTADOS	17
DISCUSSÃO	33
CONCLUSÕES	44
AGRADECIMENTOS	45
REFERÊNCIAS	46

PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NO LITORAL DA GRANDE VITORIA/ES NO ANO DE 2014

RESUMO

Introdução: o surfe é uma prática difundida mundialmente e se popularizou a partir de 1960, nos Estados Unidos. No Brasil, a prática do surfe também se tornou consistente nas décadas de 60 e 70, nessa época, os praticantes de surfe eram jovens de alta renda e de comportamento criticado pela sociedade. Porém, ao longo dos anos, o surfe veio ganhando espaço e pessoas de variadas idades e classes sociais passaram a ingressar nessa prática. **Objetivo**: verificar o perfil antropométrico, social e mercadológico do praticante de surfe da Grande Vitória/ES. **Metodologia**: no primeiro final de semana de cada mês – outubro, novembro e dezembro do ano de 2014 – foram feitas entrevistas semiestruturadas com perguntas de idade, sexo, IMC, grau de escolaridade, mercado, condição social, deslocamento e atualização sobre o esporte em quatro locais frequentados de prática do surfe (período da manhã), totalizando 177 entrevistados. **Resultados**: dos entrevistados 93,2% do total eram do sexo masculino e 6,8% do sexo feminino; tinham entre 21 e 40 anos e foi

averiguado que 100% das mulheres e 62,7% dos homens estavam classificados com IMC normal, 32,7% acima do peso, 3,3% obesidade de grau um, um participante (0,56%) com abaixo do peso e um participante (0,56%) com obesidade de grau dois; 62,1% praticavam o surfe por lazer, 22,0% por esporte, 12,4% por saúde e 3,3% optaram por outros motivos. Sobre o tempo de prática: cinco a 10 anos (20,3%), 21 a 30 anos (15,2%), 11 a 20 anos (14,6%), quatro a cinco anos (11,3%), até um ano (10,1%), dois a três anos (7,3%), empatados com 6,7% estão um a dois anos e 31 a 40 anos, três a quatro anos (6,2%) e 1,15% surfavam há mais de 40 anos. Sobre o tempo despendido semanalmente, com o surfe: 50,2% surfavam até cinco horas, 36,1% de seis a 10 horas, 8,4% entre 11 a 20 horas e 1,6% mais de 20 horas. A iniciação no esporte se deu por: meio de escolinha (8,4%), aprenderam sozinhos (53,6%), aprenderam com amigos (36,1%) e 1,6% iniciaram no surfe através de outros modos; 38 indivíduos (21,4%) utilizavam apenas o surfe como atividade física e 78,5% praticavam outro esporte além do Surfe. Da formação profissional:

5,6% eram empresários, engenheiros (3,3%), administradores (2,8%) e professores (1,6%). Na área técnica: técnico em mecânica (4,5%). Profissões que exigem somente ensino médio foram: militares (2,2%), autônomos (2,8%) e auxiliar administrativo (1,6%). Quanto ao grau de escolaridade à maioria estava cursando a ensino superior ou já tinham terminado (51,9%). Sobre os locais mais frequentados para a prática: praia do Ulé (Vila Velha/ES) e Solemar (Serra/ES) e foram os dois mais citados com 64,9% e 62,1% respectivamente. Sobre o mercado: 33,9% possuíam uma prancha, 33,9% possuíam duas pranchas, 15,8% possuíam três pranchas e 7,3% possuíam quatro pranchas, sendo que 156 optaram por usar três quilhas (88,1%); 46,3% tinham uma roupa de borracha (*John)*, 33,3% nenhum; 19,2% não possuíam capa para prancha e 80,8% possuíam entre uma e quatro capas; 100% possuíam algum acessório de marca de surfe. Sobre a atualização na área do esporte: 67,2% liam revistas, 96,6% assistiam filmes e/ou vídeos de surfe, 71,7% acompanhavam o circuito mundial, 82,4% sabiam de algum surfista

profissional do estado do Espírito Santo, 94,9% sabiam de algum surfista profissional nacional, 96,6% sabiam de algum surfista profissional internacional. **Conclusão**: o perfil do praticante de surfe mudou desde a década de 70 e, em 2014, os praticantes do surfe se distribuíam em diversas classes sociais e áreas de atuações, bem como foi uma prática ainda majoritariamente masculina, mas que foi praticada por indivíduos de diversas faixas etárias.

Palavras-Chave: Surfe; Esportes de Ação; Atividades Aquáticas; Práticas na Natureza.

PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NO LITORAL DA GRANDE VITORIA/ES NO ANO DE 2014

INTRODUÇÃO

O surfe tem crescido bastante como modalidade esportiva profissional e também no âmbito recreativo, o que contribui para o aumento do interesse de pesquisadores nos assuntos que envolva o surfe. Um dos eixos de assuntos estudados no surfe são os aspectos que influenciam o desempenho de seus praticantes, em especial o desempenho dos atletas[1].

Outro fator que contribui para o crescimento do surfe é a própria extensão do litoral brasileiro, que se estende de Belém do Pará ao Norte até ao Sul no Rio Grande do Sul, com mais de 4.000km de extensão e que oferece excelentes condições para às práticas desportivas aquáticas competitivas ou recreativas[2]. O local de prática do surfe coloca o praticante em contato direto com a natureza e assim possibilita maior presença de estímulos e sensações, quando comparadas a outras atividades realizadas em instalações esportivas convencionais[3,4]. As características apresentadas pelas vivências em meio natural, como as condições de prática, os objetivos, a motivação, os

equipamentos e as tecnologias possibilitam uma fluidez entre os praticantes e o meio ambiente[5]. No caso do surfe, se destacam o contato propriamente dito com a água, sua temperatura, seu cheiro, o balanço do Mar, a onda, o contato com a areia, com o sol, com o sal e com o vento[6]. Essas condições fazem com que surjam particularidades específicas na modalidade e, com isso, sujem outros eixos de assuntos de interesses para pesquisas sobre o surfe, além do desempenho atlético[1], por exemplo, a qualidade de vida, a cultura do surfe e sobre as questões de gênero[5,6].

Independentemente, dos eixos de assuntos que o surfe suscita para os pesquisadores, um ponto importante que contribui é entender sobre o surfista. Os estudos sobre o perfil do surfista, em determinada localidade ou época auxiliam no entendimento geral sobre o surfe. Estudo feito por Rezende M. (2004) sob a orientação do professor Andries Jr. O., em monografia pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, apontou aspectos do perfil dos surfistas do litoral Norte Paulista[7]. O estudo foi realizado

com 17 praticantes do surfe por meio de aplicação de questionário social, físico e econômico. Dos 17 entrevistados 70% tinham a idade entre 16 a 25 anos, 6% de 26 a 30 anos, 18% acima de 30 anos e 6% de crianças entre seis a 10 anos de idade. Em relação ao gênero o estudo apontou 88% dos praticantes eram do sexo masculino e 12% do sexo feminino. Quanto à profissão dos surfistas pesquisados 46% eram estudantes; 6% de desempregados; 6% eram desenhistas; 6% de auxiliares administrativos; 6% eram vendedores; 6% eram professores de Educação Física; 6% de gerentes de procuradoria; 6% de atendentes administrativos; 6% de médicos; 6% de professores de yoga. O estudo incluíram outras informações como: medidas antropométricas (peso e altura), renda média, tempo de prática do esporte, frequência de prática entre outras informações[7].

Porém, dispomos de escassez de informações em literatura a respeito do perfil do surfista em diferentes regiões do nosso País, também em diferentes ocasiões e com tamanho amostral significativo. O perfil e estigma do surfista,

estereotipado em literatura que abordam o contexto histórico brasileiro sobre o surfe, principalmente entre as décadas de 50 a 70, o surfista é tido como o "eterno vagabundo". Os surfistas eram jovens ricos, adeptos de um passa tempo conformista, desinteressados dos estudos, alienados do cenário político, desobrigados do trabalho graças as suas famílias ricas[8]. Ainda sobre o perfil estereotipado do surfista da década de 70, sua imagem não era muito boa, usavam cabelos compridos, a maioria não trabalhava, nem estudava e tinha comportamento reprovado pela sociedade da época[9].

Considerando para além do sujeito surfista, por exemplo, sobre seu Índice de Massa Corpórea (IMC), grau de escolaridade, condição social, outros assuntos emergem para entendimento da composição do seu perfil, como o seu transito, ou seja, por onde se desloca para a sua prática, sobre o que consome no mercado de artigos relacionado ao surfe e sobre como se atualiza nos assuntos de sua modalidade (ex.: revista, livros, vídeo).

Pelo exposto, formulou-se a hipótese de que o perfil do praticante de surfe vem sofrendo alterações. Diferentemente da década de 70, acreditamos que o praticante do surfe não é mais apenas o jovem de alta renda que não trabalha e nem estuda, mas também, indivíduos que possuem uma carreira de trabalho, que é qualificado e tem o surfe como estilo de vida.

MATERIAL E MÉTODOS

O protocolo do estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo, Ufes – Campus de Goiabeiras e foi aprovado. (aprovação ética do CEP/CONEP em: 21/05/2014). Os surfistas que aceitaram fazer parte do estudo assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido ou se fosse menor de idade assinaram um termo de assentimento e consentimento dos pais.

O presente trabalho foi realizado em três fases:

1) Foi formulado um questionário de entrevista com perguntas sobre idade, sexo, altura, peso (para cálculo do IMC), grau de escolaridade, condição social, transito (por onde se desloca para a prática do surfe), mercado (quais artigos relacionado ao surfe consome) e atualidades (ex.: revista, livros, vídeo).

2) Pesquisa de campo com a aplicação de questionário semiestruturado em 177 pessoas em localidades tradicionais de prática do surfe (conhecido como "pico"). Os surfistas entrevistados eram de dois dos principais "picos"

de surfe na Grande Vitória, o primeiro local foi na praia de Solemar, no bairro de Jacaraípe, no município de Serra e o segundo local visitado foi na praia do Ulé, no município de Vila Velha, ambos os locais no Estado do Espirito Santo.

A pesquisa teve caráter generalista, ou seja, poderia ser incluído na pesquisa qualquer praticante do surfe, independente de sexo e idade. O único critério de inclusão observado foi de abordar somente o surfista que estivesse indo para a água com sua prancha ou voltando da mesma.

O questionário foi aplicado no primeiro final de semana de cada mês – outubro, novembro e dezembro de 2014, estação da Primavera. O período foi ajustado para evitar os intemperes do Inverso, que tradicionalmente existe uma baixa procura para as atividades aquáticas em geral e, também se evitou o Verão, que por sua vez, promove uma procura exacerbada pelas atividades aquáticas.

3) Por fim, após a coleta dos dados, pelo questionário de entrevista, foi feita analise das

respostas por meio de percentual e os resultados apresentados em porcentagem.

RESULTADOS

Sobre o indivíduo

Foram pesquisados 177 indivíduos, 93,2% (165) do total eram do sexo masculino e apenas 6,8% (12) eram do sexo feminino. Nos meses em que a pesquisa foi realizada, 56,50% tinham idade entre 21 e 40 anos; 25,42% tinham idade de 20 anos e inferior; 17,51% tinham de 41 a 65 anos e apenas um indivíduo não quis revelar sua idade (tabela 1).

Tabela 1. Mostra a faixa etária dos indivíduos.

Idade	**Indivíduos**
Até 20 anos	45
21 a 40 anos	100
41 a 65 anos	31
Total	176*

*Um indivíduo não quis revelar sua idade

Sobre o IMC, a pesquisa mostrou que 62,7% do total foram classificados como Normal; 32,7%

foram classificados em acima do peso; 3,3% foram classificados com obesidade de grau um; um indivíduo (0,56%) foi classificado como abaixo do peso e um indivíduo (0,56%) como obeso de grau dois.

Quando perguntado o motivo da prática do surfe, 62,1% disseram que praticavam o surfe por lazer; 22,0% por esporte; 12,4% por saúde e 3,3% (seis indivíduos) optaram por outros motivos.

Quanto ao tempo de prática do surfe o maior percentual ficou entre aqueles que estão na prática de cinco a dez anos (20,3%); seguido por aqueles que praticavam de 21 a 30 anos (15,2%); de 11 a 20 anos (14,6%); de quatro a cinco anos (11,3%); até um ano (10,1%); dois a três anos (7,3%); empatados com 6,7% estão um a dois anos e 31 a 40 anos; três a quatro anos (6,2%); e por fim, 1,15% que surfavam há mais de 40 anos (tabela 2, pág. 19).

Tabela 2. Mostra há quanto tempo o indivíduo praticava o surfe.

Anos de prática	Indivíduos
Até 1 ano	18
1 a 2 anos	12
2 a 3 anos	13
3 a 4 anos	11
4 a 5 anos	20
De 5 a 10 anos	36
De 11 a 20 anos	26
De 21 a 30 anos	27
De 31 a 40 anos	12
Mais de 40 anos	2

Quando perguntado o tempo despendido, semanalmente em média com a prática do surfe, 50,2% responderam que surfam até cinco horas; 36,1% responderam de seis a 10 horas; 8,4% responderam entre 11 a 20 horas e 1,6% responderam surfar mais de 20 horas.

As escolinhas de surfe foi uma opção para iniciação no esporte por apenas 8,4% dos entrevistados; enquanto os que aprenderam

praticar sozinhos foram 53,6%; 36,1% aprenderam com amigos e 1,6% iniciaram no surfe por outros modos (figura 1).

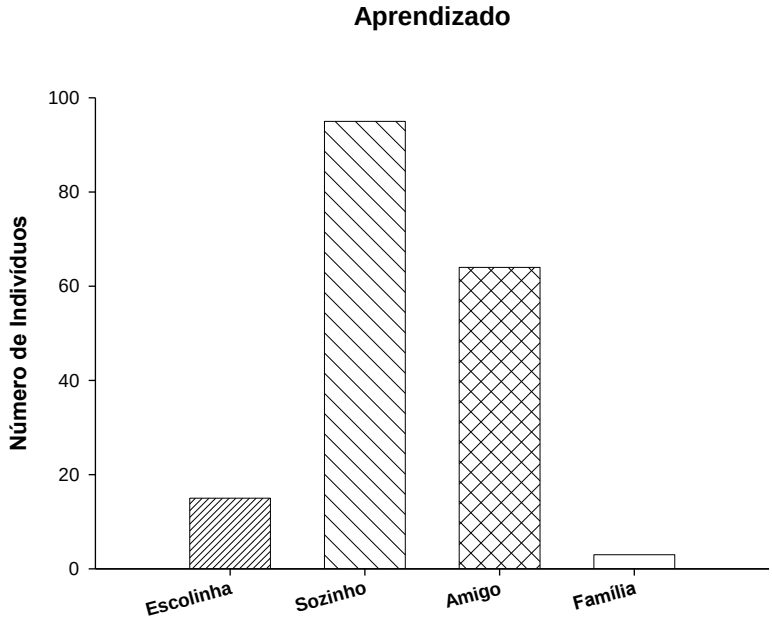

Figura 1. Mostra como o indivíduo começou a praticar o surfe.

Dos 177 indivíduos entrevistados, 21,4% utilizavam apenas o surfe como atividade física; 78,5% praticavam outro esporte além do Surfe. Entre os esportes mais citados foram: futebol

(32,2%); skate (24,8%); lutas, que abrange todos os tipos de artes marciais praticado pelos pesquisados (11,3%); corrida (7,9%) e natação (6,2%). Outros menos citados foram o tênis, basquete, ciclismo e capoeira. Modalidades com uma a três indicações não foram representadas na tabela 3 (pág. 22): *stand up paddle*, pesca oceânica, *slackline*, vôlei, *skimboard*, mergulho, parapente, *bodyboarding*, *handebol* e *beach soccer*.

Tabela 3. Mostra outros esportes que os entrevistados praticam além do surfe.

Esportes que praticam além do surfe	**Indivíduos**
Nenhum	38
Futebol	57
Skate	44
Lutas	20
Corrida	14
Natação	11
Tênis	7
Basquete	5
Ciclismo	4
Capoeira	4

Sobre o aspecto social

Dos entrevistados na pesquisa, 5,6% eram empresários; engenheiros 3,3%; administradores 2,8% e professores 1,6%. Na área técnica: técnico em mecânica 4,5%. Profissões que exigem

somente ensino médio foram: militares 2,2%; autônomos 2,8% e auxiliar administrativo 1,6% e o total de indivíduos que ainda estavam estudando em qualquer nível de ensino foram 23,7% (42 indivíduos).

Outras profissões que foram citadas pelos praticantes, porém num menor número, foram: advogado, agente penitenciário, ajudante de mecânico, analista de exportação, analista de sistemas, aposentado, arquiteto, artesão, assistente administrativo, atendente, auxiliar de almoxarife, auxiliar de produção, auxiliar de *shaper* (fabricante de pranchas), auxiliar técnico, biólogo, bombeiro, comerciante, consultor técnico, contador, corretor, eletricista, eletromecânico, eletrotécnico, encarregado, estagiário, estudante, fisioterapeuta, fotógrafo, funcionário público municipal, gerente administrativo, gerente comercial, importador, instrumentador cirúrgico, jornalista, líder operacional, marceneiro, marinheiro, marítimo, médico, metalúrgico, microempresário, motorista, operador, operador de telemarketing, operador industrial, operador refratário, pintor, policial militar, portuário,

produtor de eventos, professor, químico, representante comercial, segurança do trabalho, segurança eletrônica, servidor público, *shaper*, soldador, surfista, tatuador, técnico em controle de pragas, técnico em automação, técnico em automação, técnico em edificações, técnico em elétrica, técnico em instrumentação, técnico em logística, vendedor e vigilante.

No que se refere à escolaridade dos praticantes de surfe 2,2% estavam cursando o Ensino Fundamental; 1,6% possuíam o Ensino Fundamental completo; 14,1% estavam cursando o Ensino Médio; 23,1% tinham o Ensino Médio completo; 0,5% (um indivíduo) estava cursando o Ensino Técnico; 6,2% tinham o Ensino Técnico completo; 15,2% estavam cursando o Ensino Superior; 32,2% possuíam o Ensino Superior completo e 4,5% eram pós-graduados (tabela 4, pág. 25).

Tabela 4. Mostra a escolaridade dos pesquisados no ano em que a pesquisa foi realizada.

Escolaridade	Indivíduos
Fundamental incompleto	4
Fundamental completo	3
Médio incompleto	25
Médio completo	41
Técnico incompleto	1
Técnico completo	11
Superior Incompleto	27
Superior complete	57
Pós-graduado	8

Sobre o trânsito

A pesquisa aconteceu nos "picos" do Ulé, situados no bairro Nova Ponta da Fruta no município de Guarapari e no "pico" na praia de Solemar no bairro de Jacaraípe no município da Serra.

Por ser o local da pesquisa, o "pico" do Ulé e Solemar foram os dois mais citados com 64,9% e 62,1%. Excluindo os dois locais de pesquisa, os três mais requisitados foram: (1) Barrote, no

município da Serra, situado no litoral norte a 30 km da capital Vitória; (2) Regência, em Linhares, localizada também no litoral norte acerca de 126 km de Vitoria; (3) e Setibão, em Guarapari, litoral sul, com distancia de 51 km da capital. Fora do Estado do Espírito Santo os estados mais visitados para surfar foram: Rio de Janeiro, Bahia e Santa Catarina. Foram citados 16 países viajados pelos entrevistados (14,6%), os três destinos mais escolhidos foram: Peru na América do Sul, Costa Rica na América Central e Havaí que pertence aos Estados Unidos (tabela 5, pág. 27).

Tabela 5. Mostra os "picos" mais frequentados pelos praticantes de surfe.

Os "picos" mais frequentados	**Indivíduos**
Ulé - Guarapari	115
Solemar - Serra	110
Barrote - Serra	59
Regencia - Linhares	41
Setibão - Guarapari	26
Buraco - Vila Velha	20
Xangão - Aracruz	15
Baixa de Manguinhos - Serra	13
Carapebus - Serra	11
Barrão - Vila Velha	10
Praia Grande - Serra	10

Sobre o mercado

Entre os entrevistados a quantidade de pranchas que possuíam se distribuiu em 33,9% que possuía uma prancha, 33,9% possuíam duas pranchas,

15,8% possuíam três pranchas e 7,3% possuíam quatro pranchas. O tamanho de prancha mais usado foi a de seis pés (19,2%), em seguida foi a prancha de cinco pés e 11 polegadas (17,5%) enquanto que 6,7% dos entrevistados tinham pranchas de seis pés e uma polegada e a mesma quantidade de indivíduos (6,7%) que estavam usando pranchas *Longboard* de nove pés (figura 2, pág. 29). Dos 177 indivíduos, 156 optaram por usar três quilhas em suas pranchas, correspondendo a 88,1% do total. Dos entrevistados 32,2% possuíam um jogo de quilha, 31,6% possuíam dois jogos de quilhas. Sendo que 60,4% estavam usando quilhas convencionais e 38,9% usavam quilhas de fibra especial, por exemplo, de fibra de carbono.

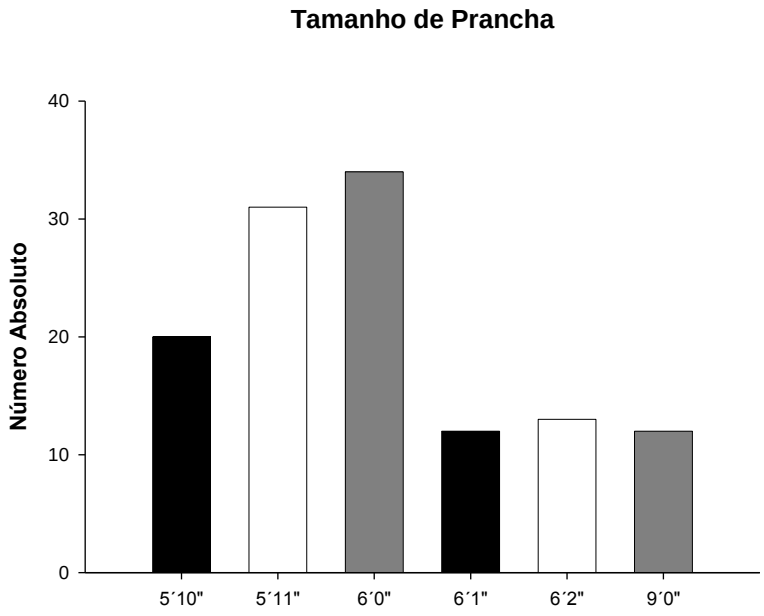

Figura 2. Mostra os tamanhos das pranchas mais usadas durante a pesquisa.

Em relação às roupas isolantes (borracha) 46,3% dos entrevistados disseram ter uma roupa isolante (conhecido também com *John*), 33,3% disseram não possuir nenhuma roupa isolante, 16,3% disseram ter duas, 3,3% disseram ter três e apenas um indivíduo disse possuir mais de três roupas isolantes.

Os resultados sobre as capas de proteção para as pranchas dos entrevistados 19,2% não possuíam capa de prancha, 45,5% possuíam uma capa de prancha, 24,8% possuíam duas capas de prancha, 6,7% possuíam três e 5% possuíam quatro (tabela 5).

Tabela 5. Mostra a quantidade de capa de prancha que os entrevistados possuíam.

Capa de prancha	Indivíduos
0	34
1	77
2	44
3	12
4	9

Quando perguntados sobre os acessórios de surfe que possuem, 88,1% dos entrevistados possuíam alguma camisa de alguma marca de surfe, 68,3% possuíam casaco de alguma marca de surfe, 91,5% possuíam bermuda de alguma marca de

surfe, 46,3% possuíam calça, 63,2% possuíam tênis, 66,1% possuíam boné e 15,2% possuíam outros acessórios de alguma marca de surfe (tabela 6).

Tabela 6. Mostra os acessórios de alguma marca de surfe que os indivíduos possuíam.

Acessórios	**Indivíduos**
Camisa	156
Casaco	121
Bermuda	162
Calça	82
Tênis	112
Boné	117
Outros	27

Sobre a atualização

Com respostas fechadas de sim e não os dados demonstraram que 67,2% dos praticantes de surfe tinham o hábito de ler revistas de surfe,

96,6% assistiam filmes e/ou vídeos de surfe, 71,7% acompanhavam o circuito mundial, 82,4% sabiam sobre algum surfista profissional do Estado do Espírito Santo, 94,9% sabiam sobre algum surfista profissional nacional, 96,6% sabiam sobre algum surfista profissional internacional e 85,8% consultavam a previsão de ondas antes de planejar a prática do esporte.

DISCUSSÃO

Depois da análise feita, o resultado da pesquisa apontou que o surfe se constituiu como esporte praticado majoritariamente por homens (93,2%), com isso, facilita a permanência da cultura masculina no surfe, esse achado está em conformidade com a observação feita por Evers na Austrália em 2006.[6] O número pequeno de mulheres (6,8%) que apareceu na pesquisa apontou uma entrada ainda tímida da mulher no esporte. A escolha adequada do tipo e/ou do tamanho da prancha ao iniciar no esporte poderá favorecer a mulher praticante a desenvolver técnicas básicas dentro da água, como a remada e entrada na onda, aumentando assim a chance de êxito no esporte.

No início do surfe no Brasil os praticantes eram em sua maioria jovem, como também foi apontado por Souza em 2004, porém nossos achados se mostrou diferente. Esperava-se encontrar mais adolescentes, no entanto encontramos mais adultos entre 21 a 40 anos de idade (56,50%). Esse percentual revela que o

surfe está se consolidando no tempo, ou seja, aquele praticante que começou de criança ou adolescente continua em sua prática mesmo com o passar do tempo. Não foram encontrados indivíduos da terceira idade, talvez devido ao aparecimento do esporte no Estado acontecer nas décadas de 60 e 70, não dando tempo hábil para os praticantes pioneiros do surfe entrar nessa faixa etária.

O IMC dos praticantes de surfe nos mostrou que o esporte pode ser um excelente aliado da saúde, pois a maioria dos entrevistados apresentou a classificação de seu IMC na faixa “normal”. As mulheres entrevistadas que persistiram no esporte conseguiram também a classificação de "Peso normal", um bom motivo para se mantiver no esporte. Houve apenas dois casos extremos, um adolescente que estava abaixo do peso, ainda em fase de crescimento, e um indivíduo que se encontrou classificado com "obesidade severa", que disse praticar o esporte há menos de um ano e começou como forma de tentar sair dessa classificação.

O principal motivo que levaram os praticantes do surfe, de nossa pesquisa ao Mar foi o lazer (62,1%). Nos filmes, revistas e nas propagandas de surfe é facilmente perceptível o prazer que o indivíduo na imagem está tendo. Logo, mais indivíduos buscarão o esporte para alcançar este prazer em seu lazer, seja pelo contato com o Mar, com a natureza, seja por estar em cima de uma prancha ou por estar em companhia dos amigos na natureza, pensando nisso, surgem cada vez mais novos adeptos e admiradores que decidem praticar desse esporte em busca do lazer. Embora a pesquisa tenha ocorrido no ano de 2014, hoje (ano de 2020) poderíamos citar mais dois fatores que contribuem para a crescente visibilidade que a modalidade está alcançando na mídia: 1) as últimas conquistas no esporte por brasileiros em competição no exterior; 2) a inclusão do surfe nos jogos Olímpicos de 2020 no Japão, passando assim a ter o *status* de esporte Olímpico. Na pesquisa também apareceram outros motivos para a procura do surfe, como: pela saúde (12,4% dos entrevistados) ou pelo condicionamento físico que o esporte oferece (22%).

A pesquisa apontou uma consistência na adesão à modalidade, com a maioria dos entrevistados (20,3%) tendo entre cinco a dez anos de prática e 15,2% deles já estavam praticando o surfe entre 21 a 30 anos. Em relação às horas por semana se dedicavam à prática do surfe observou-se que a maioria dos entrevistados (50,2%) apresentou uma frequência de cinco horas semanais. No caso da Grande Vitória, no período pesquisado, a prática do surfe se concentrava por ocasião de lazer do surfista, geralmente no de final de semana e, no período da manhã, pois no período da manhã o vento estava mais ameno e no período da tarde o vento entrava de nordeste mais forte desfavorecendo assim a prática do surfe.

Quando perguntado aos participantes da pesquisa sobre o aprendizado do surfe, a escolinha de surfe foi à opção para iniciação no esporte relatada somente por apenas 8,4% dos entrevistados, apesar desse ambiente ser sistematizado de aprendizagem e enquanto os que aprenderam praticar sozinhos foram 53,6%. Esse dado nos faz pensar que esse campo de atuação para o profissional de Educação Física e, com potencial de

crescimento, tem que ser melhor explorado, pois a maioria dos praticantes esteve aprendendo sem assistência profissional pedagogizada e sim de forma empírica.

Em relação à prática de outra modalidade esportiva além do surfe, um quinto (1/5) dos entrevistados, que correspondeu a 21,4% do total, disseram que não praticavam nenhuma atividade esportiva além do surfe, sugerindo que talvez, se não fosse o surfe seriam sedentários. Já as três atividades mais citadas na pesquisa foram o futebol (32,2%), o *skate* (24,8%) e as lutas (11,3%). O futebol foi à modalidade mais escolhida, por ser uma prática cultural no país e consideravelmente barata quando comparada a outras citadas na pesquisa, mais indivíduos tendem a procurá-la. O *skate*, por sua vez, foi inserido no estilo de vida dos surfistas desde o aparecimento do esporte nos Estados Unidos, praticado principalmente quando o Mar se encontrava sem ondas e o *skate* têm movimentos e equilíbrios semelhantes ao do surfe. As lutas (por ocasião da pesquisa) estavam em ascensão no país com a popularização do *Mixed Martial Arts*

(MMA) e com a evidência que a mídia estava dando a modalidade além de ser um esporte que oferece um bom condicionamento físico aos indivíduos que o praticam. Outra modalidade que apareceu foi à corrida (7,9%), que estava conquistando cada vez mais adeptos na Grande Vitória, o aumento de grupos de corrida, a preocupação com a saúde e condicionamento fez com que mais indivíduos a procurassem. A natação (6,2%.) embora seja uma atividade aquática apareceu apenas em quinto (5º) lugar das atividades praticadas além do surfe. Como a natação sistematizada/pedagogizada tem muitos detalhes técnicos e normalmente o seu aprendizado está atrelado ao uso de piscina, a natação não configura entre as atividades esportivas de baixo custo e de fácil acesso.

Como vimos na introdução desse trabalho, o perfil estereotipado do surfista da década de 70 a sua imagem não era muito boa, a maioria não trabalhava, nem estudava[9]. Já no ano 2004 encontramos relatos do perfil dos surfistas do litoral Norte Paulista[7], com mudanças consistentes no perfil do surfista em relação à década de 70,

apontado que os surfistas tinham ocupação e que 46% dos entrevistados eram estudantes. Em nosso trabalho encontramos no ano de 2014 que a maioria dos surfistas possuía o Ensino Superior completo (32,2%) e 4,5% já tinham concluído a pós-graduação. As atuações profissionais dos surfistas entrevistados eram das mais variadas, abrangendo profissões que necessitam do Ensino Superior, as de Ensino Médio e as de Ensino Fundamental. Porém, pode-se afirmar que os surfistas majoritariamente tinham ocupação, muito diferente ao contexto da década de 70.

A pesquisa mostrou que nos locais de prática do surfe ("picos") da Grande Vitória foi regional, onde a maioria dos frequentadores destes locais era da própria região e não foram "picos" procurados por indivíduos de outros estados ou estrangeiros. Outros "picos" que foram citados e que foi os mais frequentados entre os pesquisados, foram regiões próximas, com exceção do vilarejo de Regência Augusta, que fica no município de Linhares, aproximadamente 126 km de distância do município de Vitória. Isso mostra o interesse pela procura por ondas melhores dependendo das

condições oferecidas pelo Mar. Embora o estado possua uma grande variedade de tipos de ondas e "picos" bem distintos, alguns ainda preferiam viajar para outros estados em busca de lugares e ondas ainda melhores, mostrando que o praticante de surfe é um indivíduo envolvido e interessado pelo esporte. Outros chegaram até a se destinar ao exterior (14,6%) atrás das ondas mais famosas, observadas na maioria das vezes, em revistas e filmes de surfe, em locais como: Peru, Costa Rica e Havaí.

Dos entrevistados apenas 33,9% tinham apenas uma prancha para sua prática, os restantes dos entrevistados tinham duas ou mais pranchas, para sua prática. A aquisição do equipamento em redundância evidencia fidelidade, que o praticante do surfe entra na modalidade com intenção de ficar.

Nos locais onde a pesquisa foi feita, notou-se dois estilos diferentes: aqueles que surfavam com pranchas de tamanho comum de surfe, ou seja, pranchas pequenas entre cinco pés e dez polegadas a seis pés e duas polegadas e aqueles

que surfavam com pranchas maiores (nove pés) conhecidas como *Longboard*. A prancha maior atendia a necessidade de um dos locais onde a pesquisa foi realizada, em função do tipo da onda do local, mesmo assim a maioria optava pela prática com o tamanho de prancha comum (pequena). Ainda que o mercado do surfe venha oferecendo mais tecnologia nos equipamentos, como jogos de quilha com quatro peças, feitas de fibras mais leves, poucos foram os que acompanhavam o avanço da indústria do surfe, talvez pela dúvida em arriscar o novo, não querer sair da zona de conforto ou pela falta de condição em adquirir materiais mais modernos e mais caros.

No que se refere ao uso de roupa isolante (*John*), apesar do tempo aberto e o calor que faz no estado em grande parte do ano e ainda há o desconforto que o equipamento oferece, a maioria dos entrevistados (66,6%) disse ter uma ou mais roupa isolante para seu uso. No surfe a flexibilidade e a liberdade de movimento são fatores importantes para o bom desenvolvimento, as roupas isolantes podem ser um agente que

dificulta a prática. Embora seja necessário para aqueles que fazem viagens para lugares onde a água ou o tempo tenham temperaturas mais baixas que no Espírito Santo, ou mesmo no estado quando a água ou a temperatura ficam baixas. Assim como as capas são fundamentais para o transporte seguro da prancha, seja num trajeto curto ou longo, a maioria dos entrevistados disse ter uma ou mais capas (80,8%) e apenas 19,2% dos entrevistados disseram não possuir capa.

As empresas que produzem artigos de surfe e, incentivam o esporte, estão sempre em evidência no mercado. O estilo de vida que o esporte carrega é conhecido pela maioria dos surfistas e o praticante faz questão de mostrar que está inserido nesse grupo. Na pesquisa constatamos isso, pois, a maioria relatou que vestem camisa, bermuda, calça, tênis, boné, casaco e outros artigos. Porém não são todos que fazem questão disso.

Os dados levantados pela presente pesquisa apontaram que a maioria dos entrevistados se mantinha informados sobre o esporte que pratica

por diferentes veículos informativos. Notou-se que a maioria dos praticantes do surfe lia (67,2%), assistiam filmes e/ou vídeos (96,6%), acompanhavam o circuito mundial (71,7%), conheciam surfistas profissionais do estado do Espírito Santo (82,4%), conheciam surfistas profissionais do Brasil (94,9%) e conheciam surfistas profissionais do exterior (96,6%). Os dados mostraram que 85,8% consultavam a previsão de ondas antes de planejar a prática do esporte. Esse conjunto de informações deixou aparente que os praticantes do surfe se mantiveram atualizados sobre os detalhes envolvidos na sua modalidade esportiva preferida.

CONCLUSÕES

1) O perfil do praticante de surfe mudou desde a década de 70 em relação ao ano de 2014 e os surfistas buscaram uma melhor formação e qualificação para o mercado de trabalho;

2) Existe um campo com potencial de atuação para o profissional de Educação Física na relação ensino aprendizado do surfe, pois a maioria dos entrevistados aprenderam de forma empírica;

3) Foram em sua maioria homens (2014) e em relação as mulheres ocorreu uma entrada ainda tímida na esporte, e seus praticantes estavam em forma física (saúde), tinham o surfe como fonte de lazer, investiam em viagens, acessórios e tecnologias que tendiam a melhorar o desempenho.

AGRADECIMENTO

Agradeço especialmente aos egressos do curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, Caio Vieira de Rezende e Katielly Correa Barcelos, pelo empenho na coleta de dados dessa pesquisa e na construção de seus Trabalhos de Conclusão de Curso, ao qual fui orientador.

REFERÊNCIAS

1. Mendez-Villanueva A, Bishop D. Physiological Aspects of Surfboard Riding Performance. **Sports Med** 2005;35:55-70.

2. Steinman J., Vasconcellos E.H., Ramos R.M., Botelho J.L. e Nahas M.V. Epidemiologia dos acidentes no surfe no Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Volume 6, Number 1, 2000.

3. FEIXA, C. La aventura imaginaria: una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la natureleza. **Apunts: educación física y deportes**, Barcelona, n. 41, p. 6-8, 1995.

4. TAHARA, A. K.; SCHWARTZ, G. M. Atividades de aventura: análise da produção acadêmica do ENAREL. **Licere**, Belo Horizonte, MG, v. 5, n. 1, p. 50-58, 2002.

5. ROMARIZ J. K., GUIMARÃES A. C. A., MARINHO A. Qualidade de vida relacionada à prática de atividade física de surfistas. **Motriz rev. educ. fís.** (Impr.);17(3):477-485, jul.-set. 2011.

6. EVERS C. How to Surf. **Journal of Sport and Social Issues**. Australia, v. 30 n. 3 p. 229-243, August 2006.

7. REZENDE, M. **A história do surfe e o perfil dos surfistas do litoral norte paulista**. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

8. DIAS, Cleber; FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. **Estud. hist. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 112-128, June 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862012000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Aug. 2018. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862012000100008.

9. SOUZA, R. Boas ondas: surfando com Rico de Souza. Rio de Janeiro: **Ediouro**, 2004.

10. ZUCCO, F, D; MESQUITA, A; PILLA, A. SURF – um mercado em evolução. Intercom –Trabalho apresentado no NP03 – **Núcleo de Pesquisa Publicidade, Propaganda e Marketing**, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05 de Setembro, 2002.

PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NO LITORAL DA GRANDE VITORIA/ES NO ANO DE 2014

Fotografia: Omar Schneider